

memória e linguagens

culturais



Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
e da Disciplina de
Mobilidades Culturais
1º e 2º Semestres · 2020
Ano 10 · Nº 16

Narrativas de uma pandemia

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 

Esta revista é uma criação dos alunos do curso de Mestrado e Doutorado em Memória Social e Bens Culturais, da Unilasalle Canoas, para a Disciplina de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e Mobilidades Culturais, de 2020, sob orientação da professora Dra. Zilá Bernd e da professora Dra. Lucia Regina Lucas Rosa.

SOBRE O PPG EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior. Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc. Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade.

SOBRE A DISCIPLINA DE OFICINAS DE LINGUAGENS CULTURAIS E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

Noções de linguagens: comunicação e expressão. Linguagens como suporte da memória cultural. Linguagem como espaço de negociação identitária, de interação cultural e de passagens transculturais. Adequação das linguagens a diferentes usos (midiáticos, técnico-científicos e simbólicos). Linguagens e mediações tecnológicas: texto, imagem som no universo digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

SOBRE A DISCIPLINA DE MOBILIDADES CULTURAIS

Conceito de mobilidades culturais, vantagens e pontos de fragilidade. Importância da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais. Estudo de mobilidades espaciais, temporais, discursivas e linguísticas. Exemplos de nomadismo intelectual, de movência para alteridades, de percurso e de variações culturais, passagens do nacional ao transnacional. Oficinas: estudo de caso de mobilidades culturaisverso digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

EXPEDIENTE:

Reitor

Prof. Dr. Paulo Fossatti

Vice-Reitor

Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Cledes Casagrande

Diretora de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Bens Culturais**

Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

**Professoras da Disciplina de Linguagens
Culturais e Suas Formas de Expressão e de
Mobilidades Culturais**

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Foto da Capa

Paulo Fernando Pires da Silveira

Fotos

Banco de Imagens FreePik.com (menos quando indicadas na seção) <http://freepik.com>.

Coordenadora Discente Desta Publicação

Aluno/a ...

Revisão

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa



editorial

narrativas de uma pandemia

A Revista Memória e Linguagens Culturais é uma publicação semestral de divulgação científica vinculada à Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Seu objetivo é veicular produções discentes realizadas no âmbito da disciplina de “Mobilidades Culturais” e da Oficina “Linguagens culturais e suas formas de expressão”. Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais e a comunidade. Sua linha editorial propõe (1) questões ligadas às diversas formas de expressão das linguagens culturais como textos escritos, autobiográficos, literários, jornalísticos, teatrais, das artes visuais, etc (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e

linguísticas; e (3) análises críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

A presente edição é muito especial por se tratar de uma demonstração da resiliência de nossos mestrandos e doutorandos ao encarar esse trabalho criativo em plena pandemia que se abateu sobre nosso planeta nesse ano de 2020. Conseguimos dar continuidade às aulas graças ao sistema remoto implantado com grande rapidez pela Universidade La Salle e logo veio a proposta do tema para o número 16 de nossa revista: Narrativas de uma pandemia. Pensamos que foi notável o fato de nossos estudantes optarem por encarar de frente essa situação única, construindo suas narrativas sobre a pandemia.

Gostaríamos igualmente de ressaltar que pela primeira vez o trabalho de diagramação e montagem da revista, que em anos anteriores foi executado por profissionais de fora do corpo docente ou discente, foi nesse ano assumido por um de nossos doutorandos: Paulo Fernando Pires da Silveira, profissional da área da fotografia.

Todos os temas focalizam a pandemia nas suas mais diversas perspectivas:

Paulo Fernando Pires da Silveira nos leva a uma visita à belíssima cidade de Paraty, observando-a agora em seu silêncio e em seu isolamento; as imagens falam por si só.

Gelson Luiz Benatti, cuja dissertação aborda a linguagem das histórias em quadrinhos, aponta como, em meio a seu confinamento durante a pandemia, a leitura dos quadrinhos de Chabouté (2018) e Toulmé (2019) amenizou sua solidão e sua angústia em relação à pandemia. O autor observa as relações entre memória, tempo e lugares retracados pelos autores desses quadrinhos e coloca a questão que ainda não conseguimos responder: “Mas, se tudo o que faço é na mesma cadeira, mesa e computador, quais lugares farão parte das minhas memórias? Quais serão os meus locais de recordação?”

Jaqueline Trombin elenca o vocabulário da pandemia, estabelece definições sobre o que caracteriza o trabalho remoto, destacando sua importância e seus principais desafios: “Podemos perceber os efeitos psicossociais do isolamento e a perda da cultura organizacional”.

Talles Garcia Santana cujo objeto de es-

tudos em nível de Mestrado é a análise de telenovelas, destaca que “A solução encontrada pela emissora (Rede Globo), às pressas (durante o período da pandemia), foi recorrer ao seu acervo e reproduzir, para os seus telespectadores, na maioria isolados em suas residências, novelas passadas e que fizeram sucesso quando apresentadas de forma inédita”. Conclui que

tal atitude, determinada pelas regras sanitárias que impediram a produção de novas telenovelas, agradou ao público e contribuiu para diminuir a sensação de solidão em um período que nos impôs o distanciamento de parentes, amigos e colegas de trabalho.

Marcelo Luís Henrique Silveira analisou o impacto da pandemia no Terreiro do Pai Paulinho de Odé, em Canoas, apontando seu compromisso com a solidariedade em relação aos menos favorecidos. O autor mostra que em termos de solidariedade os orixás têm muito a nos ensinar.

Ao final, incluímos, como já é tradição em nossas publicações, uma entrevista, realizada pelo pós-doutorando Luciano Lunkes, com um dos docentes da Universidade La Salle, o biólogo Gustavo Fioravante Vieira que aceitou generosamente o convite para falar sobre sua atividade como pesquisador na área da biologia. A entrevista versa sobre a

promissora pesquisa de Fioravante que visa ao desenvolvimento de uma vacina contra a Covid 19. Concluímos, dessa forma, com um texto que aponta para a fé na ciência e a esperança que pesquisas desse teor podem trazer para a população brasileira.

Boa leitura!!

Zilá Bernd e Lucia Regina Lucas da Rosa.

A presente edição é muito especial por se tratar de uma demonstração da resiliência de nossos mestrandos e doutorandos ao encarar esse trabalho criativo em plena pandemia que se abateu sobre nosso planeta nesse ano de 2020

ORIENTADORAS/ ORGANIZADORAS

ZILÁ BERND - É professora e orientadora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle e pesquisadora 1A do CNPq. É autora de vários livros e artigos sobre memória social, estudos canadenses e questões de identidade e de hibridação cultural nas Américas.



LUCIA REGINA LUCAS DA ROSA - Professora de literatura brasileira, africana, ensino de língua e literatura; professora no PPG em Memória Social e Bens Culturais e coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle. Doutora em Literatura Brasileira, coordenadora de projetos de arte e cultura, com a peça Mulheres de Machado, saraus culturais e organização de livros bilíngues de contos.



sumário

memória e linguagens
culturais

editorial

3

sumário

6

artigos

PA_RA_TY

isolada no séc. XXI

por Paulo Fernando Pires da Silveira

8

novas dinâmicas no mundo do trabalho: trabalho remoto, terminologias e contexto face à pandemia

por Jaqueline Trombin

15

em tempos de pandemia o compromisso do terreiro de pai paulinho de odé com o ideal da caridade presente nas narrativas da umbanda

por Marcelo Silveira

20

as produções de novelas e o período de pandemia mundial

por Talles Garcia Santana

25

o tempo, a memória e os lugares: reflexões pandêmicas a partir de duas histórias em quadrinhos.

por Gelson Luiz Benatti

32

a esperança que vem da UNILASALLE conversa com Gustavo Fioravanti Vieira sobre sua pesquisa promissora, que visa ao desenvolvimento de uma vacina eficaz contra o covid-19.

por Luciano Lunkes

37

resenha contos de amor ou amizade (?) tales of love or friendship?

Lucas da Rosa, Lucia Regina e Saraiva Pasca.

por Zilá Bernd

42



Paraty – Centro Histórico.
Foto: Fernando Pires

PA_RA_TY isolada no séc. XXI

Paraty, uma cidade que depois de vivenciar o período econômico do ouro, cana, café, tráfico de homens escravizados e o do turismo, hoje, cinquenta anos depois de ter renascido de um isolamento de quase cem anos, vivencia outra forma de isolamento, que mais parece um filme de ficção. Na Paraty do século XVI ao XVIII, seus habitantes trancavam-se em seus sobrados por temerem uma possível invasão de piratas mascarados dispostos a tirar-lhe o ouro e as vidas se necessário fosse. Hoje os mascarados são os próprios habitantes e o invasor é invisível e não tem o mínimo interesse por ouro ou qualquer outra especiaria mas sim, pelas vidas que lá estão hoje. Diante deste panorama alarmante, a Secretaria Municipal de Turismo começou a estabelecer um novo calendário, para que algumas das tradicionais Festas e Festivais possam ser cele-

bradas mesmo dentro deste cenário, com mais segurança.

No mês de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto do coronavírus, mais conhecido como COVID-19, que se transformou em uma pandemia global. Desde esse momento o contágio avançou velozmente, e governos ao redor do mundo [com raras e insanas exceções] estão tomando ações rápidas para deter a sua disseminação. E em Paraty não é diferente. Afinal, o título de Patrimônio Cultural e Natural pela UNESCO conquistado em 2019, o primeiro Patrimônio Misto no Brasil, não protege a encantadora cidade do “inimigo invisível” que no processo da escrita deste artigo já ceifou mais de 160 mil vidas só no Brasil.

Após os primeiros dias de isolamento social, nas ruas do Centro Histórico, percebe-se os olhares que vazam pelas frestas das janelas, de quem dribla as pedras pé de moleque molhadas pós maré alta. Nas imagens publicadas diariamente nos grupos e páginas nas redes sociais, pode-se observar uma cidade em isolamento social, sem turistas e com os seus moradores longe das ruas, procurando sobreviver. E podemos também observar os relatos, tanto de turistas como dos próprios moradores, de estarem quebrando as orientações de distanciamento social. No início o uso de máscaras ainda era tímido e os olhares de alguns moradores para os viajantes ora debochavam e ora fulminavam. As escolas fecharam. Desde então as crianças estão sem contato com outras crianças, com os avós e tios. Abraços e beijos não são bem-vindos. Agora, a melhor demonstração de amor é ficar longe, isolado. Há linhas e fitas dentro das lojas náuticas para afastar as pes-

Na Paraty do século XVI ao XVIII, seus habitantes trancavam-se em seus sobrados por temerem uma possível invasão de piratas mascarados

soas dos balcões de atendimento. Bares e restaurantes funcionam somente para entrega em domicílio. Jabaquara, Trindade, Paraty Mirim e outras praias, assim como outros pontos turísticos, não estão acessíveis ao público. As atividades fitness no calçadão do Caborê até a Praia do Pontal estão moderadas.

Os moradores sentem falta do turismo/dos turistas, do entretenimento das festas e dos festivais, e parece que foi necessário proibir para que se percebesse o quanto é vital a presença do turista na cidade que, desde a década de 1970, vive principalmente do setor do turismo.

Os santos e santas estão isolados em suas respectivas igrejas situadas no Centro Histórico, que estão de portas fechadas. Manterem-se afastados uns dos outros, não importando se é nativo ou agregado é a nova ordem, com exceção de algum excursionista perdido, que nega a pandemia, nega o COVID-19. Embora plataformas de hosties como Booking, Hotel Urbano, Airbnb, em resposta às orientações da OMS e no sentido de proteger a sua comunidade de anfitriões e hóspedes, tenha cancelado as reservas de acomodações e experiências, existem denúncias nas redes sociais de turistas se hospedando em Paraty. E de que os trabalhadores não recebem nenhum auxílio municipal para permanecerem em quarentena. Nestas mesmas redes sociais observa-se fervorosos debates, alguns contra e outros a favor do isolamento. E nas entrelinhas - dissociando-se as questões partidárias - constata-se que reclamações sobre escassez de testes em massa - respeitando as orientações das organizações internacionais - para um controle mais eficaz, que nas farmá-

cias faltam recursos básicos, como máscaras e luvas, são as mais recorrentes. Aliás, nas farmácias, o álcool gel substitui nas prateleiras os bronzeadores e protetores solares. Perguntas sem respostas como: “quantos respiradores artificiais devem ter em Paraty?”, acabam silenciando as discussões, mesmo as partidárias.

É o momento de saber separar a beleza, a leveza de Paraty e reconhecer que as correntes que fecham o Centro Histórico, protegendo o patrimônio histórico dos veículos, não funcionam como fronteiras para proteger os seus sujeitos do COVID-19. Quem se atreve a caminhar, por lazer ou trabalho, pelo vazio de suas ruas estreitas, não vai escutar o motor dos barcos ou dos pequenos aviões aterrissando ou decolando. O silêncio do isolamento faz um barulho estrondoso para funcionários do setor gastronômico e hoteleiro, mas principalmente nas mentes dos que dependem diariamente do trabalho informal – fruto dos seus fazeres e saberes – para sobreviverem e alimentarem as suas famílias, como os artesãos e os artistas de rua. Para alguns desses paratienses o silêncio do isolamento é assustador.

Em fotos e vídeos compartilhados é possível observar nativos, agregados (estrangeiros que adotaram a cidade ou vice-versa) e turistas perdidos, que desobedecem as recomendações de isolamento baseados na ignorância dos enunciados de líderes políticos “pós graduados em fake news”. Infelizmente a particularidade genuinamente singular da nossa linguagem... é a competência

de disseminar mensagens sobre fatos/realidades que não existem (HARRARI, 2017).

As comunidades caiçaras mais afastadas, assim como outros sujeitos mais vulneráveis (indígenas, quilombolas...), sentem-se cada dia mais isolados, pois para terem acesso à renda básica emergencial voltam a ser escravizados, mas agora por um sistema contemporâneo digital que para alguns está muito além de suas realidades. Já é de conhecimento público, por conta

de outras epidemias, que mesmo diante da vulnerabilidade social que esse panorama gera, um elemento crucial para seu enfrentamento é promover e manter a restrição do fluxo de pessoas nas ruas e nos espaços públicos coletivos (BEZERRA; SILVA; SOARES; SILVA. 2020). Lembrando Karnal (2020), a epidemia mostra de forma um tanto violenta a desigualdade. No cenário do isolamento as classes média e alta experimentam o tédio, enquanto as classes baixas tentam sobreviver à fome.

Não muito diferente de outras cidades brasileiras, o sistema público de saúde de Paraty, no caso de um colapso, será incapaz de atender a todos os pacientes. Se no primeiro mês o quadro era tranquilo, já no segundo a cidade passou a registrar os primeiros casos confirmados de coronavírus. Os casos suspeitos foram colocados em isolamento domiciliar. O material coletado dos pacientes, por falta de estrutura na cidade, precisou ser encaminhado ao Laboratório Central Noel Nutels (Lacen), no Rio de Janeiro. Paralelo à crise na saúde, o comércio, submisso es-

Hoje os mascarados são os próprios habitantes e o invasor é invisível e não tem o mínimo interesse por ouro ou qualquer outra especiaria mas sim, pelas vidas que lá estão hoje



Paraty – Centro Histórico.
Foto: Fernando Pires

sencialmente ao turismo, segundo as redes sociais e mídias locais, já começa a ser afetado por comerciantes abandonando os seus negócios, falências e demissões. Em meio a isso tudo, embora seja uma parcela mínima, é surreal a negação da ciência e o descaso com a possibilidade de uma progressão epidemiológica de um vírus que pode vir a ser fatal. A opção em manter o isolamento pode estar relacionada com a desconfiança na eficácia da proposta de uma reabertura progressiva do comércio, mesmo iniciando com sistema de rodízio, como forma de reduzir a circulação e concentração de pessoas nas ruas ou exclusivamente com sistemas como drive-thru e/ou delivery, e depois evoluindo para o atendimento em lojas com uso de toda proteção necessária. Pois, uma vez que Paraty, assim como tantas outras cidades brasileiras, não possui testes para dar conta de um acompanhamento dos indicadores da doença, entre número de casos sus-

peitos e confirmados, torna-se impossível ter um cenário concreto de quantos moradores já foram infectados. Portanto, reabrir o comércio dentro deste contexto representaria colocar ainda mais vidas paratienses em risco.

Assim como a administração municipal, a estadual também caminha no escuro, ou seja, não existe por parte destas instituições um programa de retorno à “normalidade”, pois ninguém em Paraty estava aguardando por um turista chamado COVID-19. Este fato é reflexo da negligência e insanidade do Governo Federal, pois a falta de atitude e o confronto constante com as esferas estaduais atrasam as tomadas de decisões e um possível retorno à normalidade. “Nos últimos anos, políticos irresponsáveis minaram deliberadamente a confiança na ciência, nas autori-

dades e nos meios de comunicação” (HARARI, 2020). Estamos vivenciando, além das fronteiras de Paraty, dois inimigos públicos: o COVID-19, um inimigo invisível e proliferando de uma forma também assustadora as Fake News, visíveis diariamente nas redes sociais. Quando testemunhamos familiares e amigos, inocentemente compartilhando Fake News no Facebook, Twitter e em outras redes, torna-se fácil concordar com Harari (2017) ao afirmar “que só o Homo sapiens pode falar sobre coisas que não existem de fato e acreditar em meia dúzia de coisas impossíveis antes do café da manhã”.

Embora isolados, nunca estivemos tão próximos dos colegas da academia ou do trabalho e até mesmo dos amigos e parentes mais distantes. Os grupos nas redes sociais se multiplicaram. E estamos vivendo um tempo de lives, podcasts, webinars...

Paraty - Centro Histórico.
Foto: Fernando Pires

onde “países inteiros já funcionam como cobaias para experimentos sociais em larga escala”. Mas “o que acontece quando todos trabalhamos em casa e só temos comunicação remota?” (HARARI, 2020). No processo da escrita a pesquisa traz um dado novo, que “paratienses e paratianos” longe da ficção, vivenciam a soma de dois quadros inéditos e preocupantes: no olhar do presidente do Paraty Convention & Visitors Bureau (CVB), Eric Porto, no programa Fala Comunidade, do Canal Flitoral, o maior desafio para uma retomada pós-pandemia de COVID-19, será investir na fiscalização e no ordenamento, do mercado do turismo, que já assinalava uma crise antes mesmo da chegada do coronavírus. Tão delicado quanto o vírus será fazer as empresas irregulares compreenderem que elas precisam participar monetariamente da cidade para se chegar a um ponto de equilíbrio.

No início do segundo semestre de 2020, o Centro Histórico de Paraty e os bairros no seu entor-

no reabriram para o turismo, mas a comunidade tradicional caiçara de Trindade, mesmo diante de ameaças, faz uma barreira pela vida avisando pelas redes sociais que continuam fechados. Diante do desamparo dos poderes públicos a Associação de Moradores de Trindade (AMOT), preocupada com os seus anciões, realizou um trabalho de proteção para evitar a entrada do COVID-19 em suas comunidades, terras e praias que há décadas são muito cobijadas pelos turistas. Neste breve relato sobre os caiçaras de Trindade é possível dialogar com Bauman (2003), que define a palavra comunidade como um lugar confortável e aconchegante, uma coisa boa. Os mais jovens reconhecem que só estão neste território hoje

porque os seus ancestrais lutaram contra uma multinacional que tentou por uma década expulsar os moradores para a construção de um condomínio de luxo. Entendem que hoje são eles que devem ser a resistência. A AMOT já contabilizou mais de uma centena de madrugadas defendendo a vida da comunidade, trabalho voluntário de mais de 150 paratienses e paratianos. Atitudes / comportamentos assim dão sentido à palavra comunidade, pois é como se refere Bauman (2003), um lugar onde somos capazes de contar com o devotamento dos do próximo. Segundo a AMOT, em apenas um mês, mesmo com as atividades turísticas proibidas em todo o território de Paraty, foram próximo de 2 mil turistas que tentaram, mas não conseguiram entrar na comunidade.

#ETERNO APRENDIZ

A pandemia e o isolamento tra-

zem lições preciosas de solidariedade e aceleram a entendimento das tecnologias digitais, de forma a afetar até a pureza das comunidades mais tradicionais, onde para defender os seus anciões é preciso - mesmo que temporariamente - deixar a canoa longe das ondas e aprender a navegar e mergulhar em outros mares em busca de informações.

Estamos ansiosos para voltar à normalidade, abraçar, fotografar, conversar, dançar, comer e beber juntos, celebrar as Festas e Festivais de Paraty, mas terá o período de isolamento sido o suficiente para as mentes humanas se recomporem - pelo menos em parte - assim como a natureza? Realmente haverá uma mudança de pensamento, atitudes e

comportamento? Um novo normal? Estamos preparados para uma retomada com mais consciência? Harari (2020) nos alerta: carecemos de “um espírito de cooperação e confiança”. Infelizmente, em alguns segmentos da sociedade, no processo da pandemia, já foi possível observar que as máscaras não foram o suficiente para aproximar as desigualdades, pelo contrário o abismo social aumentou, os pobres ficaram mais pobres / mais vulneráveis e o ricos mais ricos. O cenário da pandemia do novo coronavírus tem sido um desafio para nações que apresentam excessiva desigualdades internas (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020). O vírus fez o planeta se movimentar, primeiro gerou a ilusão de que “um simples pedaço de pano” acabaria com as desigualdades, mas o que ficou mais evidente foi o descaso com o meio ambiente, a necropolítica mostrando que índios, negros e quem vive na periferia não são tão importan-

Estamos ansiosos para voltar, abraçar, fotografar, conversar, dançar, comer e beber juntos, celebrar as Festas e Festivais de Paraty



tes. No Brasil infelizmente as desigualdades têm raça, cor e etnia, pois trata-se de uma nação orientada pelo e para racismo, que se conserva com as suas raízes escoradas no sistema escravocrata (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020). E neste contexto nacional das desigualdades o dólar disparou... O desflorestamento ficou mais intenso... O fogo destruiu mais ecossistemas... E o COVID-19 também, disparou, ficou mais intenso e em alguns países Europeus já é apontada uma segunda onda pandêmica.

Para não concluir este artigo, por concordar que toda narrativa - escrita ou visual - é incompleta (HARARI, 2018) e também por acreditar na impermanência de todos os fenômenos e na necessidade de praticarmos o desapego de antigos valores e nos ajustarmos para uma nova realidade, uso aqui alguns trechos da canção "Agora é Vida" do multiartista emblemático para a cultura de Paraty, Zé Kleber:

Vem dos caminhos do mar | Vem navegando cansado | Meu barco azul enfeitado | Agora é vida, agora é sonho | O passado pouco interessa | Abre a janela, vem ver a lua | Vem ver estrelas e a madrugada | A aurora é linda em Paraty | Agora é vida, tristezas não | Tira a saudade do coração

Vem... Perceber e agradecer a preciosidade do ato de poder respirar, de sentir o cheiro da floresta e a brisa suave que sopra do mar da baía de Paraty.

REFERÊNCIAS:

BEZERRA, Anselmo C.V.; SILVA, Carlos E. M. da; SOARES, Fernando R. G.; SILVA, José A. M. da. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19 - Ciência & Saúde Coletiva, vol. 25 (Supl. 1). Abr. 2020.

GOES, Emanuelle F.; RAMOS, Dandara O.; FERREIRA, Andrea J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00278.

HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. Tradução de Paulo Geiger. 2 ed. SP: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. Homo Sapiens: breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017.

KARNAL, Leandro. Entrevista. ESTADÃO - São Paulo: 14 Mai. 2020.



AUTOR:

PAULO FERNANDO PIRES DA SILVEIRA - Fotógrafo e Professor de Fotografia. Doutorando no PPG em Memória Social e Bens Culturais (Universidade LaSalle) (Bolsista CAPES). Mestre em Educação (ULBRA), Especializado em Arte Contemporânea e Ensino da Arte (ULBRA) e em Criação e Produção de Narrativas Multimídia: foto, vídeo e som (ESPM). Graduado em Fotografia (ULBRA). Natural de Paraty / RJ.



Novas dinâmicas no mundo do trabalho: trabalho remoto, terminologias e contexto face à pandemia

Introdução

Com o avanço da pandemia em março de 2020, repentinamente o mundo do trabalho teve que estabelecer novos arranjos e rotinas que foram rapidamente formulados para atender as demandas profissionais específicas onde o distanciamento social passou a fazer parte do modo de vida, uma exigência que pudesse assegurar a proteção à vida dos profissionais.

O trabalho remoto que era uma realidade numa pequena parcela das empresas brasileiras e nos projetos das escolas e universidades, teve que ser implementado, em outro contexto, talvez não nos moldes ideais, mas graças as novas tecnologias e um planejamento prévio, pôde ser colocado em prática. De uma hora para outra as aulas passaram a ser ministradas pela internet, algumas universidades saíram na frente por apresentar tecnologia apropriada para que isto se efetivasse; outras ainda encontram-se em processo de implementação de um ensino remoto

emergencial.

Dentro dessa realidade, paralelamente a essa realidade uma gama de novos termos são constantemente colocados pelas mídias e passaram a ser veiculados.

Vocabulário da Pandemia

Por se tratar de uma nova doença, e com a brangência de pandemia houve a necessidade de rapidamente definir certos termos já instituídos pela OMS em outros países, traduzidos e adaptados agora à realidade brasileira. Dentre eles, destacam-se alguns mais usados no linguajar diário, descritos no quadro abaixo:

Coronavírus - um grupo de vírus capaz de causar doenças em humanos e animais. O novo Coronavírus, conhecido como SARS-CoV2, causa a doença Covid-19. São da mesma família o SARS-CoV e o MERS-CoV, além de outros coronavírus que causam normalmente resfriados comuns. Sua estrutura é formada por micro espinhos quando vista ao microscópio eletrônico, que se parecem muito com uma coroa. É daí que vem o nome de "corona".

Covid-19 - é o nome da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 e é uma abreviação de Corona Virus Disease ("doença causada pelo vírus Corona", em tradução literal do inglês).

Pandemia - disseminação mundial de uma nova doença contagiosa, que se espalha por diversos continentes e tem transmissão sustentada entre pessoas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia da Covid-19 em 11 de março de 2020.

Quarentena - é uma das medidas de saúde pública que podem ser adotadas durante uma epidemia ou pandemia, e que tem como objetivo evitar a propagação de doenças infecciosas, es-

pecialmente quando são causadas por um vírus, já que a transmissão desse tipo de microrganismos acontece de forma muito mais rápida.

Distanciamento Social - é o nome dado a uma série de medidas que visam o afastamento das pessoas a fim de garantir sua proteção em uma situação de epidemia, por exemplo. Esse distanciamento faz-se necessário para evitar transmissão de doenças e, portanto, é uma medida que visa à saúde da população.

Lockdown - é uma palavra em inglês para se referir ao sistema de quarentena mais rígido. É a paralisação total, especialmente dos fluxos de deslocamento. A ideia é interromper o fluxo, evitar que as pessoas se desloquem e, portanto, se encontrem.

Hidroxicloroquina e cloroquina - medicamentos registrados pela ANVISA para o tratamento da artrite, lúpus eritematoso, doenças fotossensíveis e malária. Apesar de promissores, não existem estudos conclusivos que comprovam o uso desses medicamentos para o tratamento da Covid-19. Portanto, não há recomendação da Anvisa, no momento, para a sua utilização em pacientes infectados ou mesmo como forma de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus; e a automedicação pode representar um grave risco à sua saúde.

Achatamento da curva - é um conceito em saúde pública central para o gerenciamento da Pandemia de COVID-19. A curva é a curva epidemiológica, a representação visual do número de pessoas infectadas ao longo do tempo. Significa retardar a propagação da epidemia, para reduzir o número máximo de pessoas afetadas ao mesmo tempo, e o sistema de saúde não ser sobrecarregado.



Trabalho Remoto: definições e realidade

No Brasil, o trabalho remoto foi regulamentado pela Lei 13467/2017, através da Minirreforma Trabalhista que tem suas origens no artigo 75 da Consolidação das Leis Trabalho. O teletrabalho é definido como a prestação dos serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias da informação e de comunicação, que por sua natureza, não se constituem como trabalho externo.

A modalidade de trabalho remoto sempre foi pouco difundida, dados de 2018 apontam que o país tinha apenas 5,2% dos trabalhadores empregados trabalhando em casa. Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, o teletrabalho se tornou uma alternativa para manter as

atividades de empresas e organizações que não puderam continuar com a atuação presencial por causa dos riscos de contaminação. Em decorrência da pandemia o funcionário teve de adaptar-se à uma nova rotina de trabalho, onde passou a desempenhar suas atividades profissionais de casa, tendo uma série de adversidades para desempenhar de maneira satisfatória suas funções. Conforme levantamento da Organização Internacional do Trabalho (OIT), até abril 59 países adotaram a alternativa do teletrabalho. O Escritório de Estatísticas do Reino Unido estimou em 30% as atividades que poderiam ser feitas de casa.

A OIT projetou que ela poderia ser empregada em 18% dos postos de trabalho. No Brasil, o Ministério da Economia não tem esse levantamento.

A modalidade de trabalho remoto sempre foi pouco difundida, dados de 2018 apontam que o país tinha apenas 5,2% dos trabalhadores empregados trabalhando em casa.

A Confederação Nacional do Comércio estima que durante a pandemia essa alternativa tenha crescido cerca de 30%.

A importância do trabalho remoto em tempos de coronavírus: planejamento e condições técnicas

Com a Covid e sua rápida disseminação muitas empresas aderiram ao trabalho remoto para proteger seus funcionários e também permitir que as empresas e instituições não parassem. Muitas vezes sem o mínimo de preparo. Há algumas semanas, o home office era apenas uma tendência do mercado. De repente, a pandemia obrigou a população a entrar em quarentena. O grande desafio passa a ser manter as equipes de trabalho motivadas e comprometidas para que a produtividade seja satisfatória. Por outro lado, para as empresas, esse modelo de trabalho remoto pode ser interessante pelos custos.

Se por um lado, pôde-se colocar em prática novas tecnologias dentro das organizações e no setor educacional também, uma certa revolução se instaurou, às pressas, da noite para o dia. Mesmo que o trabalho remoto já fosse planejado e presente na rotina da pessoas ou de algumas profissões, agora ele requer e necessita de outras demandas e urgências.

Dentre as principais dificuldades encontradas tem-se a otimização do tempo. Muitas áreas conseguem trabalhar dependendo da natureza da atividade profissional, mas ficam limitadas por ser necessária a presença física, como na área da saúde, indústrias e comércio.

Várias recomendações foram emitidas pelos setores específicos de cada organização fixando protocolos

e conduta em relação ao trabalho remoto. Em muitos casos os trabalhadores que puderam aderir ao trabalho remoto não tem todas as condições de trabalho em casa, tendo que muitas vezes compartilhar o computador com outros integrantes de suas famílias. Desafios da gestão de equipes remotas

Dentre os desafios do trabalho remoto percebe-se os efeitos psicossociais do isolamento e a perda da cultura organizacional. Soma-se a isto o fato do isolamento social e o trabalho remoto não favorecer a interação entre as equipes, podendo afetar a saúde mental dos funcionários, acarretando desmotivação e falta de produtividade.

Podem acontecer ruídos na comunicação, pelo distanciamento, menor comunicação e a falta de integração. Ao se limitar a comunicação através dos e-mails corporativos ou aplicativos de troca de mensagens, pode ocorrer inúmeras e repetidas solicitações e lembretes. Muitos funcionários não possuem habilidades em se comunicar na forma escrita,

o que pode acarretar falta de clareza, mal-entendidos, respostas atrasadas e desorganização geral. O controle das tarefas pode ser difícil para chefias acostumadas a fazer esse controle e monitoramento presencialmente. Muitas vezes é necessário uma mudança nos fluxos dentro das organizações para adaptar-se às novas dinâmicas do trabalho remoto.

A falta de rotina e estrutura ao se trabalhar e morar no mesmo local pode dificultar o equilíbrio necessário entre a vida profissional e pessoal. A falta de limites de horário, alguns podem apresentar problemas em manter a responsabili-

Dentre os desafios do trabalho remoto percebe-se os efeitos psicossociais do isolamento e a perda da cultura organizacional.

dade pelo trabalho, por outro lado, outros podem pensar que trabalham o tempo todo.

O fato de trabalhar em casa pode representar problemas com a família, por muitas vezes exigir concentração e dedicação com suas tarefas. A presença de crianças, assim como de outros familiares pode interferir na produtividade.

Para um maior envolvimento da equipe é necessário um feedback consistente e construtivo, tal prática precisa ser mantida para que as tarefas possam ser cumpridas com seriedade e comprometimento.

Narrativas e desafios nas instituições educacionais

Dentro das instituições educacionais, muitos profissionais passaram a desempenhar suas atividades de trabalho de casa de forma remotas. Algumas saíram na frente por apresentar uma estrutura técnica propícia a tal implementação emergencial; outras tiveram que se reinventar para atender a essa nova demanda não só de aulas, mas da parte administrativa. O novo modus operandi através do trabalho remoto mostrou várias especificidades decorrentes do trabalho em home office.

Tal modalidade de trabalho requer acesso à internet e à computadores de qualidade, o que não é uma realidade para todos os servidores. Dentro dessa nova dinâmica muitos funcionários tiveram que desempenhar concomitantemente outras funções como cuidar dos filhos, da casa, da família o que em muitos casos interfere na concentração e produtividade.

Muitos funcionários se encontram no grupo de risco o que representa um cuidado e preocupação redobrado com sua própria saúde.

Por outro lado, nem todos conseguem desempenhar suas funções de casa, devido à natureza da atividade que às vezes necessita de laboratórios e estruturas mais complexas. Além desses fatores a saúde mental dos funcionários fica também impac-

tada pelo isolamento que impede o contato com o seu círculo social, assim como pelo medo da doença.

Apesar de o trabalho remoto não ter sido implantado nos seus moldes ideais, certamente ele veio para ficar e ser presença constante nas novas dinâmicas do mundo do trabalho. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que a tendência é a manutenção do modelo na fase pós-pandemia, mexendo de vez com as relações de trabalho, deve ocorrer um incremento de 30% no número corporações que adotarão a modalidade.

REFERÊNCIAS:

COVID: um glossário com 22 termos para você conhecer. Disponível em: <https://www.accamargo.org.br/noticias/covid-19-um-glossario-com-22-terminos-para-voce-conhecer>. Acesso em: 10 jun.2020.

HALF, Roberto. Trabalho remoto: como fazer a integração e gestão de equipes. Disponível em: <https://www.roberthalf.com.br/blog/gestao-de-talentos/trabalho-remoto-como-fazer-integracao-e-gestao-de-equipes-remotas-rc>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GINI, Rodrigo. Na esteira da pandemia, trabalho remoto deve ser cada vez mais comum. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/economia/na-esteira-da-pandemia-trabalho-remoto-deve-ser-cada-vez-mais-comum-1.7851>. Acesso em: 10 de jun. 2020.



AUTORA:

JAQUELINE TROMBIN - Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela UFRGS, Especialista em educação de Jovens e Adultos pelo PPGEDU/UFRGS e Mestra em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.





EM TEMPOS DE PANDEMIA O COMPROMISSO DO TERREIRO DE PAI PAULINHO DE ODÉ COM O IDEAL DA CARIDADE PRESENTE NAS NARRATIVAS DA UMBANDA

Salão do Terreiro.
Fonte: Acervo do autor

A impressão que temos é que o mundo parou... já passa da metade do ano de 2020 e nada aconteceu até agora. Estamos amedrontados por um inimigo invisível.

A humanidade está diante da maior crise sanitária do século XXI. A pandemia da COVID-19, colocou de joelhos nações economicamente desenvolvidas assim como as mais pobres. O vírus não escolhe sexo, idade e muito menos classe social. Não se tem remédios com eficácia comprovada e muito menos uma vacina, dando a sensação que estamos num barco a deriva em meio a uma tempestade.

Com o intuito de conter a disseminação do vírus, governantes de todo o mundo são obrigados a impor restrições de circulação para a população. Fator que derrubou a economia de países como o Brasil, levando muitos trabalhadores ao desemprego. Um colapso que vai muito

além da questão sanitária.

O desemprego significa a perda de renda das famílias, sendo que a redução do poder de compra impacta diretamente na economia como um todo. Resumindo, é como se pensássemos num efeito dominó, onde cai uma peça caem todas.

Nas comunidades mais pobres a situação se agrava, pois a perda de renda torna-se desesperador. Apesar do esforço do governo federal em incrementar seus programas sociais e criar o auxílio emergencial, é fato que nesse momento, a maior parte de suas atenções estão voltadas para o combate a pandemia.

Fica então o seguinte questionamento: como encontram-se as famílias desassistidas pelo poder público?

Esse texto tem como objetivo propor ao leitor, uma reflexão sobre o momento que estamos vivendo e mostrar como um terreiro de matriz africana auxilia moradores que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Nesse momento difícil onde a caridade se faz necessária, entram em ação homens de bem que se preocupam com a sua comunidade. Sendo assim, escolho como exemplo Pai Paulinho de Odé, visto que sua figura impõe-se junto a comunidade local tanto como babalorixá quanto líder comunitário. O terreiro onde Pai Paulinho exerce suas funções como líder religioso, foi inaugurado em 1998 e está localizado na rua Chico Mendes n.º: 157, Vila João de Barro, na cidade de Canoas-RS.

A história da vida religiosa de Paulo Rogerio Ambieda ou Pai Paulinho de Odé, merece dedicar alguns parágrafos a seguir. Tais informações, foram coletadas a partir das narrativas memoriais de Paulinho de Odé durante o ano de 2019, para o

Projeto de Pesquisa de minha autoria, ao PPG Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

No dia 02 de agosto de 1971, auxiliada por uma parteira, Telma Ambieda dá a luz a um menino em sua própria casa. Conforme a mãe de Paulinho de Odé conta, o parto teria sido muito difícil, que ele teria nascido pelos pés, com uma cor de pele avermelhada e que possivelmente teria aspirado água do parto.

Minutos após ter vindo ao mundo, foi levado a terreira que sua mãe frequentava, para então apresentá-lo aos guias espirituais da Umbanda, em forma de agradecimento pela vida e para que no futuro lhe conferissem proteção.

Como sua mãe já era iniciada na Umbanda, ele afirma que foi praticamente criado dentro de um terreiro,

que se localizava na mesma rua onde morava. Ali aprendeu o sentido real de união, pertencimento e de esforço em prol da religião.

Segundo Paulinho, desde muito cedo já tinha participação nos rituais, tanto que, com 10 anos de idade já fazia parte da corrente mediúnica. Essa proximidade com o ritual resultou que, com 14 anos ocorresse seu primeiro transe, a partir desse momento seu desenvolvimento dentro da religião nunca mais parou, até que aos 22 anos tornou-se Babalorixá.

Pai Paulinho de Odé explica que, "a religião se faz por amor, eu acho que todos nós temos a mesma missão conceitual no mundo, evoluir e ajudar na evolução do próximo, dos outros". Essa ideia apresentada por ele, deixa claro a quem ouve (e nesse caso quem lê) como ele carrega consigo uma visível responsabilidade para com a religião e com todos os ali envolvidos.

Nesse momento difícil onde a caridade se faz necessária, entram em ação homens de bem que se preocupam com a sua comunidade

A marcante na característica da personalidade de Pai Paulinho é de proteger todos que estão a sua volta e isso se torna mais evidente por ele ser filho de Oxossi. Na perspectiva de Roger Bastide (2001), não é somente no momento do transe que o iniciado se apropria das características identitárias da divindade, mas também em sua conduta social. Arrisco dizer que o iniciado estaria entre dois mundos, seu destino pessoal e a ligação com a divindade, uma espécie de relação entre o natural e sobrenatural, onde o homem aspira ao Orixá e este por sua vez modela esse desejo.

O culto de matriz africana, é fundamentado pela transmissão oral do conhecimento, que atravessa gerações de uma família, podendo ser tanto carnal quanto espiritual.

Essa peculiaridade marcante da importância da memória para a religião, vai ao encontro da percepção de Bernd (2018), que deixa claro que "a reapropriação identitária passa pela aproximação do indivíduo com a memória genealógica, tendo a transmissão um papel vital nesse processo", que além de fundamentais para as práticas dos rituais e perpetuação dos mitos, essas também são determinantes para questões ligadas as interações sociais do grupo.

Para além de apenas mostrar como uma religião afro-brasileira se mobiliza para assistir os mais necessitados, cabe então a seguir, um breve histórico sobre a Umbanda com a finalidade compreender o por que isso comumente ocorre nos terreiros.

Sobre o mito fundador da Umbanda, sabe-se que ocorreu em 15 de novembro de 1908, na cidade de Neves, interior do estado do Rio de Janeiro. Durante uma sessão espírita, o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou no médium Zélio Fernandino de Moraes. A entidade manifestada no médium, deixa como ensinamento um dos fundamentos mais importantes do ideal Umbandista, afirmando que "A Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade".

Isaia (2014), aponta em seus estudos o esforço das narrativas dos intelectuais da época, em consolidar a Umbanda como uma religião originalmente nacional, voltada a realidade de um povo miscigenado. A umbanda representa suas divindades de forma sincrética, através das imagens de santos da igreja católica para representar seus orixás, assim como as figuras do negro e do índio. Essa tríade de "raças", idealizava que o povo merecia uma religião 100% brasileira, eclética e que privilegiasse a identidade local.

A Umbanda recebe também influência dos ideais Kardecistas, como por exemplo a

prática da caridade, segundo a teoria reencarnacionista é possível elevar-se espiritualmente através da prática do bem (Negrão, 1994). Nas giras, as entidades vem do plano espiritual para atender de forma gratuita aos que procuram conforto, orientação e paz. O ideal da caridade muitas vezes transcende o culto e então terreiro torna-se um espaço que promove assistência para a comunidade onde está localizado.

No terreiro de Pai Paulinho de

A Umbanda recebe também influência dos ideais Kardecistas, como por exemplo a prática da caridade, segundo a teoria reencarnacionista é possível elevar-se espiritualmente através da prática do bem



Odé, não é diferente. Desde o início da pandemia, em março desse ano, por este estar situado em uma comunidade carente, faz com que esteja próximo das necessidades dos que ali residem. Eis que a contatação de Batisde (2011), é reafirmada na forma como Pai Paulinho apropria-se da identidade de Oxóssi (um orixá caçador) e assim não mede esforços para prover alimentos para seu povo.

Para melhor compreender essa característica identitária de um filho de Oxóssi, a mitologia dos Orixás diz:

"Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente. Agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra. Ogum fez de Oxóssi o provedor. Oxóssi é irmão de Ogum. Ogum é o grande guerreiro. Oxóssi é o grande caçador". (Prandi, 2001, p.112)

Eis que, no final do mês de março quando iniciaram as medidas restritivas de circulação em todo país, muitas pessoas não puderam

Pai Paulinho e os seus voluntários.
Fonte: Acervo do autor

exercer suas atividades na comunidade Joao de Barro, onde pai Paulinho reside. Mais que prontamente ele tem a ideia de distribuir marmidas solidárias as famílias carentes que residem nas proximidades do terreiro.

Contando com a ajuda de diversos irmãos de outras terreiros, parceiros, filhos de santo, família carnal e voluntários, Pai Paulinho de Odé inicia uma campanha de arrecadação de alimentos. Utilizou a cozinha que possui dentro do terreiro a preparação dos alimentos e somente na primeira ação no primeiro final de semana do mês de Abril foram distribuídas 200 marmidas as famílias carentes.

Desde então, todas as sextas e sábados Pai Paulinho e seu coletivo, saem pra entregar as doações de



Pai Paulinho de Odé.
Fonte: Jornal Grande Axé

alimentos. Segundo ele em uma noite apenas, "servimos mais de 300 pratos de um grande e delicioso sopão, para as famílias nesta crise terrível. Cuidamos para não ter aglomerações, cadastramos antecipadamente e entregamos em horários alternados".

Até a presente data (julho/2020), ele já doou um total de mais de 4000 marmitas, um esforço incansável, típico de um filho de Oxóssi, preocupado com a abundância de alimentos da sua gente. Pai Paulinho é sem dúvida um líder religioso, que além da sua responsabilidade espiritual com todos que frequentam seu terreiro, se envolve diretamente com a comunidade local. Um compromisso a mais de 30 anos, estando sempre atento as necessidades de todos a sua volta e pronto

para proteger os mais desassistidos.

Findo aqui esse texto, com a certeza que o terreiro de Pai Paulinho de Odé cumpre sim o ideal da caridade proposta pela Umbanda, cabendo também deixar aqui registrada, uma frase transcrita a partir das suas narrativas, que diz:

“Quem tem fome, tem pressa. Juntos vamos vencer. Só existe vitória se houver união!”

REFERÊNCIAS:

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
 BERND, Zilá. A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: BesouroBox, 2018

ISAIA, Artur C. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: Rodrigues, Cristina C; Luca, Tania R. de; Guimarães, Valeria. Identidades brasileiras: composições e recomposições. São Paulo: UNESP, 2014.

NEGRÃO, Lisias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Tempo Social; Rev. Sociologia. USP, S. Paulo: 133-122, 1994.



AUTOR:

MARCELO SILVEIRA - Bacharel em Turismo, Especialista em Docência no ensino superior e Gestão de Pessoas. Mestrando do PPG em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle - Canoas/RS.



as produções de novelas e o período de pandemia mundial

O Brasil vive um de seus piores momentos da história ao atravessar uma crise sanitária que ceifou mais de 50 mil vidas e adoeceu mais de 1 milhão de pessoas entre março e junho de 2020. O novo corona vírus chegou ao Brasil com as autoridades incrédulas sobre seus efeitos mesmo as experiências de Wuhan na China terem sido as piores e devastadoras para sua gente.

O novo corona vírus praticamente obrigou a todos a reinventar hábitos, a fazer mais o uso das tecnologias de informação e comunica-

As protagonistas de Malhação – Viva a diferença. Ellen (Heslaine Vieira), Lica (Manoela Aliperti), Tina (Ana Hikari), Benê (Daphne Bozaski) e Keyla (Gabriela Medvedovski)
Foto: Divulgação TV Globo



ção e reprogramou compulsoriamente todos os planejamentos que vão da economia a produções culturais.

Entre essas afetações encontra-se a produção de novelas do qual o Brasil entende muito e ocupa a vice-liderança na América Latina ficando atrás apenas do México. De uma hora pra outra, a TV Globo, maior produtora disparada desse conteúdo no Brasil, viveu uma ruptura de sua majestosa e tão bem estruturada engenharia de produção desse produto assistido por milhões de espectadores diariamente distribuídos entre quatro produções inéditas apresentadas.

Da Malhação, produto feito para o público jovem no horário vespertino, a novela das nove, seu produto mais assistido e publicitariamente mais caro, tudo precisou ser abruptamente interrompido visando a garantia da vida de seu staff e de seu casting que trabalha 24 horas por dia. Essas produções audiovisuais dotadas de recursos estéticos dos mais avançados, elencos caros, produções faraônicas, investimentos pesados e planejamentos publicitários meticulosos se viram prejudicadas pelo novo corona vírus do dia para a noite.

Não se tinha outra solução mesmo com uma nova novela do horário das seis pronta para ser exibida, mas com as gravações suspensas e o elenco imediatamente dispensado e orientado a ficar em casa. Era o corona vírus ganhando força no Bra-

sil e o temor pelas vidas dos seus milhares de colaboradores.

A emissora recorreu a esse expediente em outras oportunidades como me recordei em 1996 quando precisou encerrar "Explode Coração" de Glória Perez com 155 capítulos mesmo a saga da cigana Dara estar fazendo sucesso no Brasil engatinhando na Internet e nas comunicações virtuais. A solução fora produzir uma mininovela e para a função fora chamado o saudoso dramaturgo Dias Gomes que imprimiu a marca do realismo fantástico com "O Fim do Mundo" até que Benedito Ruy Barbosa e a equipe de produção de "O Rei do Gado" tivessem condições de levar a novela ao ar.

A emissora precisou montar uma verdadeira força-tarefa para determinar quais produções reprisaria sabendo que mesmo com produções inéditas vinha enfrentando a fuga de telespectadores para as produções de streaming das Netflix da vida.

No lugar de Malhação, resolveu reexibir um sucesso da temporada do seriado em formato soap opera, a edição "Viva a Diferença" de Cao Hamburger (consagrado por produções prestigiadas infantis como Castelo Ra-Tim-Bum) premiada com o Emmy Internacional Kids 2018 de melhor série. Lembro de ter assistido quase na integralidade o seriado em 2017 com 222 capítulos exibido entre 8 de maio de 2017 a 5 de março de 2018 e de ser um sucesso de crítica e público pela forma como abordou temas como a

homossexualidade, o autismo, a gravidez na adolescência e o racismo de uma forma realística porém muito agradável, elenco bem escalado, boas revelações como a jovem atriz Gabriela Medvedovski que estrearia sua primeira protagonista em "Nos Tempos do Imperador" se não fosse a pandemia e a suspensão das tramas inéditas por enquanto. O seriado não impressionou somente os críticos, mas a audiência, não vista no horário desde 2009 nos tempos que não se imprimiam recursos estéticos e realísticos como nessa edição. O texto de Cao Hamburger e a direção artística de Paulo Silvestrini impressionaram e foram merecedores do Emmy Internacional, o Oscar® da TV mundial. Uma assertiva escolha da TV Globo para reprise em tempos que precisamos rediscutir a vida e a diversidade em suas formas. A audiência da reprise, alavancada pela reprise no tradicional horário de reprises da emissora com o "Vale a pena ver de novo" do fenômeno "Avenida Brasil", vem se mostrando um verdadeiro sucesso e superando a antecessora inédita "Toda Forma de Amar" já considerada pelos críticos uma das piores do seriado que se mantém no ar desde 1995 apenas mudando os formatos e histórias.

Para o horário das seis a escolha fora de "Novo Mundo" uma trama de época que fez sucesso em 2017 contando a história do Brasil Império e marcando a estreia dos então colaboradores de outros autores, Alessandro Marson e Thereza Falcão. Curiosamente, a trama que foi bem no horário resultou no projeto para escrever a trama que seria exibida no horário das seis se não fosse a pandemia, "Nos Tempos do Impera-

dor", uma sequência do trabalho de 2017 contando a história de D. Pedro II. As tramas de época sempre foram características do horário que sempre as privilegiou a tramas urbanas e contemporâneas e curiosamente são as de maior sucesso do horário como "Alma Gêmea" e "Êta Mundo Bom" do dramaturgo Walcyr Carrasco, considerado o "pai do horário das seis moderno". "Novo Mundo" imprimiu no horário um dinamismo de novela das sete rememorando "Que Rei Sou Eu?" um grande sucesso dos anos 80 deste

horário e trouxe um frescor único com um elenco jovem e "chiclete" da atualidade com nomes como Caio Castro, Agatha Moreira, Chay Suede e Isabelle Drummond.

Para o horário das sete a escolha fora de "Totalmente Demais" dos estreantes Rosane Svartman e Paulo Halm que vinham de produções de seriados e de uma temporada de "Malhação" em 2014. A novela que era um conto de fadas moderno foi um sucesso de audiência e marcou uma fase importante

da teledramaturgia moderna que foi a interatividade com o público em redes sociais, explorado muito bem em "Cheias de Charme", outro sucesso do horário. Da novela saiu inclusive um spin-off (um produto derivado de uma obra) exclusivo para assinantes da plataforma Globo Play, de propriedade da TV Globo. "Totalmente Demais" foi um verdadeiro sucesso entre o público jovem em 2015 com seu texto folhetinesco e juvenil repleto de termos difundidos na internet, conquistando também o público mais tradicional. A trama de uma menina pobre alçada ao sucesso como modelo internacional dividida entre o príncipe encantado e o sapo, clássica dos contos da Disney, ar-

A solução encontrada pela emissora às pressas fora recorrer ao seu acervo e reproduzir, para os seus telespectadores em maioria isolados em suas residências, novelas passadas e que fizeram sucesso quando apresentadas de forma

Uma assertiva escolha da TV Globo para reprise em tempos que precisamos rediscutir a vida e a diversidade em suas formas

rebatou incríveis 31 pontos de audiência na reta final ultrapassando o produto principal que é a novela das nove, fazendo com que a emissora a espichasse sem necessariamente criar uma incômoda "barriga" das novelas sonolentas e cansativas já registradas sem sucesso pela mesma. A trama trouxe também abordagens sociais importantes como o assédio, homossexualidade e homofobia, paraplegia e adoção de criança soropositiva sem pesar demais a mão no realismo, o que conferiu leveza ao texto sem deixar de falar sério. O resultado disso tudo foi o Troféu

Imprensa de 2016 de melhor novela para a trama. Em relação a sua antecessora interrompida pela pandemia, "Totalmente Demais" bate um verdadeiro bolão como se diz no jargão futebolístico, uma vez que "Salve-se quem puder" tem um texto raso, tatibitante e sem compromisso com a inteligência do público, ainda que o horário seja tradicionalmente de comédias descompromissadas e escapistas. Já que a realidade competitiva com o streaming com produções de alta qualidade e aclamadas pelo público e crítica é latente, não faz sentido a

apresentação de uma trama rasa e em muitas situações "bobinha" demais. A reprise de "Totalmente Demais" resgatou o público perdido pela inédita e interrompida antecessora que estava órfão de uma produção mais atraente desde o desfecho de "Bom Sucesso", curiosamente de autoria dos mesmos autores de "Totalmente".

Para o horário das nove, o mais tradicional, competitivo e caro da emissora, a solução fora requestrar uma trama sucesso de audiência. Tra-

ta-se de "Fina Estampa" do dramaturgo Aguinaldo Silva, recentemente demitido da emissora pelo fracasso com a novela do gato "O Sétimo Guardião". O fato é que a emissora se conseguisse prever as consequências impostas pela pandemia, jamais teria reprisado "Avenida Brasil" no horário da tarde e teria guardado essa carta na manga para arrebatat

Órfãos desse fenômeno de 2012. Como isso não foi possível, "Avenida" seguiu no horário da tarde e a escolhida foi a fraquinha "Fina Estampa" que pelo menos na audiência mandou bem, demonstrando o caráter inverossímil da audiência no Brasil. Isto porque a antecessora inédita interrompida, "Amor de Mãe", vinha patinando no IBOPE com uma produção esteticamente impecável, texto primoroso, dramalhão de qualidade recheado de realismo social da estreante Manuela Dias e com fotografia do premiado Walter Carvalho. "Fina Estampa" com sua trama bobinha de desenho animado remontando as historinhas da "Turma da Mônica" de Maurício de Souza com uma vilã caricata que se assemelha ao Cebolinha com os seus

planos infalíveis e que no final nada dava certo. Sobrou destaque para o personagem de Marcelo Serrado como o Crô, uma composição do ator como o mordomo gay caricato e cheio de frases de efeito baseados na história de Cleópatra ou de Ísis, esposa do Rei Osíris. A trama folhetinesca ao último, recheada de entrecchos característicos de Aguinaldo, com exceção do realismo fantástico que o consagrou entre os anos 80 e 90, contava a história de uma mulher empoderada (daí seria uma excelente

Enquanto a pandemia do novo corona vírus mostra seus devastadores efeitos no mundo todo e no Brasil, ele não deixa de ser um instrumento indireto de reinvenção



Cena da novela "Totalmente Demais" da TV Globo. Na foto os atores Fábio Assunção, Marina Ruy Barbosa e Felipe Simas. Foto: Artur Menínea – TV Globo

trama) com trejeitos masculinizados que batalha pra criar os filhos sozinha após o abandono do marido, e escolhe ser justamente um marido de aluguel e ficando conhecida como "Pereirão" interpretada pela talentosa Lília Cabral. Nem o talento de Lília, de Christiane Torloni ou de nomes consagrados salvaram "Fina Estampa" de ser uma trama fácil, requestrada e que mal aproveitou o seu excelente elenco com nomes como Eva Wilma, Júlia Lemmertz, Arlete Sales e José Mayer. Sobrou para o personagem Crô carregar a novela nas costas e que se reflete até hoje na reprise quando ele recheia os posts no Twitter e Instagram.

Em relação a escolha infeliz da emissora visando apenas abocanhar anunciantes, é preciso lembrar que ela conta com um acervo riquíssimo de tramas que poderiam ter ocupado a faixa até o retorno da sua bem produzida antecessora inédita. É o caso de "A Força do Querer" de Glória Perez que fora um fenômeno de crítica e de audiência no horário e produzida no ano de 2017 (aliás o ano áureo da emissora quando produziu das suas melhores tramas da década).

Enquanto a pandemia do novo corona vírus mostra seus devastadores efeitos no mundo todo e no Brasil, ele não deixa de ser um instrumento

indireto de reinvenção. Isto porque se registram várias mudanças de paradigmas importantes que talvez já devessem ter sido colocadas em prática e algumas que já estavam sendo. Uma delas é a manutenção de casting da emissora que sofreu um drástico corte com a não renovação de dezenas de contratos longos que vinham desde a década de 90. Qualquer empresa que se preze como a TV Globo não poderia ficar alheia aos efeitos da crise do novo corona vírus como as outras milhares do Brasil que vem demitindo, cortando custos e reinventando seus processos. Outro ponto importante está sendo a prática mais disseminada de produção de conteúdo e disponibilização de acervo na sua plataforma streaming, o Globo Play. Desde o começo de junho estão sendo disponibilizadas tramas que ainda não estampavam o rol de novelas com capítulos na íntegra. É o caso de "A Favorita", "Tietá" reprisada pela emissora em 1995 e no Canal Viva (de sua propriedade mas restrito a TV por assinatura) em 2017 e lançado em DVD em 2012 (aliás uma prática descontinuada, afinal quem ainda assiste DVD?).

Também é preciso destacar que a emissora planeja trabalhar com elencos mais enxutos nas tramas daqui pra frente, mais contratos por "obra" reduzindo um pouco o "estrelismo" sem tirar o prestígio e o consagração dos artistas, mas colocando-os na posição de trabalhadores como qualquer um e que precisam pagar suas contas. Isso abre uma brecha importante, apesar de na atualidade nenhum canal estar produzindo teledramaturgia ao nível da

TV Globo, especialmente em função de tramas completas e menos direcionadas como as produzidas no SBT (voltadas ao público infantil) e Record (que entre 2004 e 2014 produziu teledramaturgia de excelência como a elogiada "Vidas Opostas" ou o fenômeno "Prova de Amor") que vem imprimindo um engessamento criativo nos seus autores a partir das interferências da Cristiane Cardoso, uma das executivas do canal e filha de Edir Macedo. Essa brecha que permite que os artistas estejam isentos de exclusividade seria interessante no período em que a Record era "páreo" para a TV Globo ocupando a vice-liderança. Hoje, com a produção de tramas bíblicas (a exceção de "Os Dez Mandamentos" que confrontou a Globo de perto) e mais bobinhas sem poder abordar temas polêmicos como a homossexualidade por ir de encontro as doutrinas da Igreja Universal que controla o canal.

O futuro da teledramaturgia no Brasil pós pandemia ainda é incerto, sabe-se de medidas temporárias para enfrentamento como redução de tomadas externas, distanciamento de elenco

no estúdio, menos cenas e medidas paliativas pelo menos por ora. Já se é sabido pelos veículos de imprensa que a Globo só retomará a exibição de capítulos inéditos de novelas somente em 2021. Porém isso não tem sido necessariamente um problema para a Globo, já que os índices de audiência das reprises vêm muito bem e as cotas publicitárias nem diminuíram tanto assim, significando que as reprises até agradam aos anunciantes nos intervalos comerciais. É a Globo e o horário nobre

da Globo sendo sempre quem é e se acostumou a ser, porém com algumas peculiaridades novas.

Já se é sabido pelos veículos de imprensa que a Globo só retomará a exibição de capítulos inéditos de novelas somente em 2021

da Globo sendo sempre quem é e se acostumou a ser, porém com algumas peculiaridades novas.

REFERÊNCIAS:

MARTÍN BARBERO, J. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, M.I. V.D. (Org.). Telenovela: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004. p. 23-46. p. 33.

Portal GShow. Disponível em <www.gshow.globo.com>

Portal Memória Globo. Disponível em <www.memoria.globo.com>

Site Oficial da Rede Globo. "Malhação: Viva a Diferença" vence prêmio no Emmy Internacional Kids. Disponível em <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/malhacao-viva-a-diferenca-vence-pre>>

mio-no-emmy-internacional-kids.ghml>

XAVIER, N. Portal Teledramaturgia. Disponível em <www.teledramaturgia.com.br>



AUTOR:

TALLES GARCIA SANTANA - Bacharel em Administração pela UERGS, mestrando em Memória Social e Bens Culturais da UNILASALLE, Professor de Graduação e Pós-Graduação da UNIASSELVI/Polo Charqueadas, Servidor Público de carreira do município de Charqueadas/RS, palestrante, influenciador digital no Instagram e apaixonado por novela desde criança.



Lançamento em dezembro de 2020, MNEMOCAST da linha de pesquisa: Memória e linguagens culturais

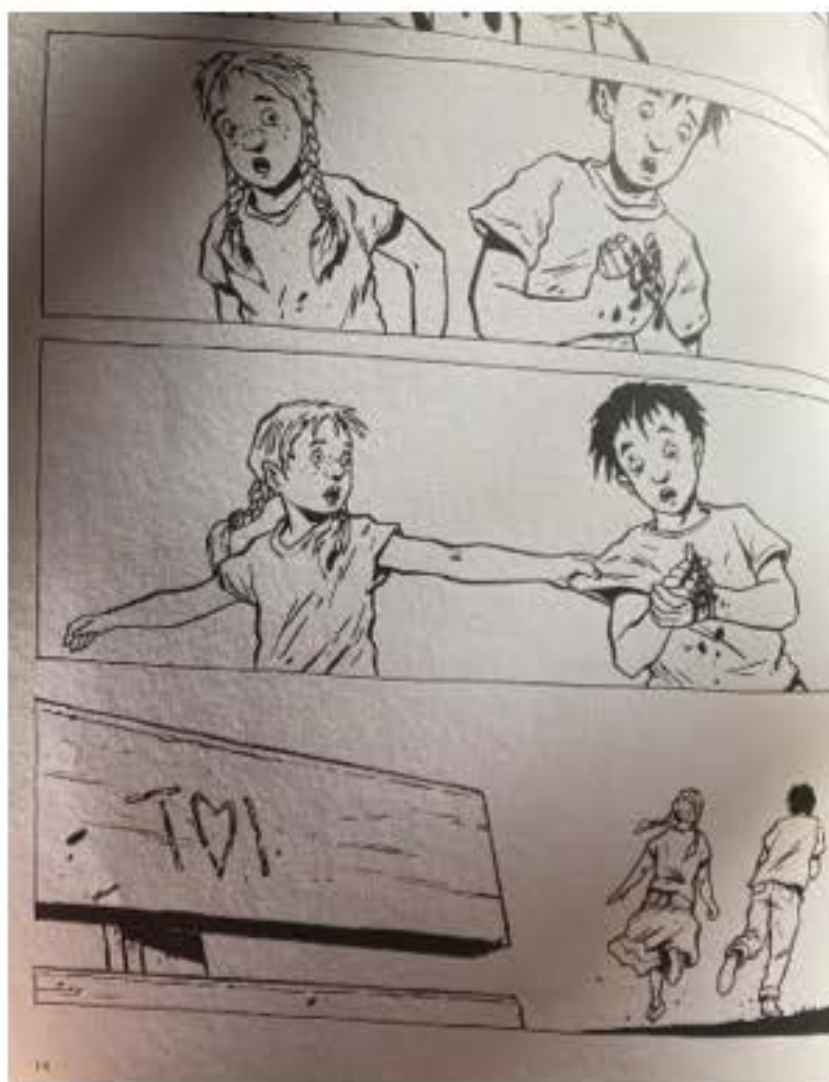
o tempo, a memória e os lugares: reflexões pandêmicas a partir de duas histórias em quadrinhos

“Um descanso, um momento, uma pausa. Um abrigo, um refúgio, um lar... Uma cena... Uma encruzilhada... Apenas um pedaço de madeira e aço”

É com esta descrição que Chabou-té (2018) apresenta sua obra, uma história em quadrinhos, em preto e branco, com 334 páginas, que narra vida de um banco de madeira, localizado em uma praça pública, sendo lugar e parte da vida e das memórias de todos os personagens. Durante um período que parece durar em torno de duas décadas, histórias

de vida acontecem, criando memórias que são geradas e mantidas ao redor daquele objeto, daquele lugar, daquele espaço.

A história começa com um jovem casal entalhando na madeira, com um canivete, as iniciais de seus nomes, naquilo que parece o começo de uma linda - ainda que conturbada - história de amor, e termina com o banco sendo instalado no pátio da casa deste mesmo casal - depois de ser encontrado em um lixão -, onde serve como rememoração de momentos marcantes do passado e de lugar para a criação de memórias para o filho do casal. Embora pareçam centrais, estes dois personagens somente aparecem nestes dois momentos, como que para destacar as relações entre os lugares, o tempo e as memórias.



Ao longo das 334 páginas, vamos acompanhando a saga do banco e suas interações silenciosas com um executivo apressado, um jovem artista em busca de inspiração, um cãozinho em busca de alívio, um casal de idosos e seu ritual de lanche no banco da praça, um andarilho entregue ao álcool, um policial desejoso de manter a lei e a ordem, um esportista em busca de descanso, um morador de rua em busca de um local para dormir, três senhoras aposentadas em busca de um lugar para compartilhar as novidades, um zelador de parque preocupado em manter o banco em boas condições.

Ao fim da leitura, **teremos acompanhado muitas jornadas marcadas por um lugar. Em todas elas, o tempo e as memórias ora parecem voar, ora parecem escoar pelos dedos. O banco, o lugar, entretanto, passa muitas vezes despercebido.**

“Você tem duas vidas. A segunda começa quando você percebe que só tem uma”.

É com esta citação de Confúcio que Toulmé (2019) começa a contar a história de Luc e Baudoin, dois irmãos que não poderiam ter vidas mais diferentes. Um vive um dia a dia sufocante em um emprego monótono como advogado e com um chefe detestável. O outro é um espírito livre, que viaja o mundo praticando medicina. A descoberta de um tumor e a perspectiva de poucos dias de vida servem como mote para uma jornada de autodescoberta, para conhecer novos lugares, para visitar antigas memórias, para encontrar antigos e novos amigos.

Ao final das 270 páginas, fechamos a revista com o coração apertado, relembando pedaços da nossa vida, revendo escolhas, repensando atitudes. Enquanto espe-

ram pelo fim, os dois irmãos passam o pouco tempo apressados, vivendo o que não viveram ao longo da vida, criando momentos que esperam durar para sempre. Memórias do passado são revividas, novas memórias são criadas.

As duas leituras voltaram à minha mente quando, por conta da pandemia de covid-19, o tempo e os lugares se modificaram. Forçado à uma quarentena, o olhar passou a se concentrar no que está ao redor, nos lugares que estão próximos, que são parte da rotina, e que passam despercebidos. Como estas duas revistas, que se converteram em lugares de calma, refúgios de tranquilidade em meio ao caos sanitário que se instalou.

Vários são os autores que abordam as relações entre os lugares, o tempo, o espaço e as memórias. Michel de Certeau (1998), por exemplo, aborda a distinção entre

um local e um espaço, para entender como, a partir do modo como habitamos as cidades, passamos a entender alguns lugares como espaços, ocupados, apropriados e transformados pelos sujeitos que por ali transitam ao longo do tempo. Assmann (2011) apresenta a ideia de locais de recordação, que são não os lugares em si, mas o que neles é contido e acessado pelos sujeitos que deles se apropriam, sempre no presente, o que os faz seguir existindo, muitas vezes dando a eles novas significações e sentidos.

Mas, depois de 150 dias de isolamento, de permanecer nos mesmos lugares e de tudo fazer confinado a um mesmo espaço, de migrar das interações presenciais para os ambientes virtuais, como estamos percebendo o tempo e os lugares? Pense, por exemplo, em uma reunião. Antes da pandemia, havia o tempo de se deslocar, o tempo de preparar a sala, o tempo



de escolher as cadeiras e as mesas, o tempo de preparar o café. Desde o momento em decidia participar até a realização da reunião, havia muitos lugares por onde passávamos. Agora, trata-se de simplesmente acessar a plataforma no horário combinado. De um único lugar, vamos para muitos espaços.

Podemos permanecer em um mesmo lugar desde o começo do dia até o momento em que nos recolhemos. Neste lugar, podemos conversar com o vizinho, assistir as notícias, pedir o jantar, comprar um livro, encomendar uma cadeira nova. Surgem novas relações com o tempo, com os lugares e com as memórias. Mas, se tudo o que faço é na mesma cadeira, mesa e computador, quais lugares farão parte das minhas memórias? Quais serão os meus locais de recordação?

Enquanto vivo nestes lugares digitais, as memórias são automaticamente salvas. Ao ler Um pedaço de madeira e aço (CHABOUTÉ, 2018), enquanto viajava no tempo junto com o banco da praça, percebia a passagem do tempo nos cabelos brancos dos personagens, nos galhos desnudos das árvores, na pintura que descascava. Aqui, no lugar digital, não percebo a passagem do tempo sem que faça um esforço consciente para estabelecer horários de desligamento, momentos para afastar deste lugar de conexões remotas. O mundo virtual é um lugar onde o tempo parece ter sido esquecido - ou simplesmente não parece fazer diferença.

A quarentena também é um momento de relembrar o passado. Impedido de rever parentes e amigos, forçado a evitar os contatos, vivo, tal como Baudoin (TOULMÉ, 2019), olhando velhas fotos, repassando antigas conversas, sentindo saudade de outros lugares e outros tempos.

Em algum momento no futuro, talvez nossa relação com os lugares, com a cidade, com as ruas, com as pessoas volte a ser o que era antes. Talvez nossas memórias voltem a ser criadas com primeiros beijos em bancos de praças. Ou talvez não. Depois de 150 dias de incerteza, a maior parte do futuro ainda é imersa

em dúvidas.

Mas, o que quer que venha a acontecer, podemos esperar que o tempo e os lugares ainda sejam o que são: elementos que constituem a memória e que, agregados, passam a constituir a nossa identidade, como pedaços de madeira e aço, como recordações das vidas que não vivemos.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, A. Espaços da recordação: formas e transformações da memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.

CHABOUTÉ, C. Um pedaço de madeira e aço. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2018.

TOULMÉ, F. Duas Vidas. São Paulo: Nemo, 2019.



AUTOR:

GELSON LUIZ BENATTI - Weniger aber besser. Administrador especialista em Docência e Políticas Públicas, com atuação profissional voltada para execução da estratégia, gestão de processos e projetos de transformação digital, diversidade, aprendizado, cultura e desenvolvimento organizacional.



Mestrando no PPG em Memória Social e Bens Culturais da La Salle, interessado em entender a importância e a influência na cultura organizacional. Docente EAD e produtor de conteúdo em diversas instituições e modelos. Apaixonado por HQs. Você não pode colocar o gênio de volta na garrafa.



a esperança que vem da unilasalle

Conversa com Gustavo Fioravanti Vieira sobre sua pesquisa promissora, que visa ao desenvolvimento de uma vacina eficaz contra o covid-19.

11 de junho de 2020

O biólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano da Unilasalle lidera uma pesquisa que tem por objetivo entender o comportamento do corona-vírus e encontrar formas eficazes de abordá-lo no combate à epidemia. Nas últimas semanas, seu estudo realizado em parceria com a UFRGS tem recebido destaque nos meios de comunicação devido ao seu fator inovador e promissor. A re-

vista Memória e Linguagens Culturais convidou o professor para um "bate-papo" sobre a importância de sua pesquisa e possíveis legados da epidemia para a sociedade do futuro.

1. Quando e em que contexto começou sua pesquisa?

Minha pesquisa começou com a elaboração de uma hipótese de trabalho, que passou a permear todas as minhas buscas até hoje. Isto aconteceu em 2001, em uma aula de imunogenética da graduação. Percebi que, de alguma maneira, o sistema imune utilizava alguns padrões compartilhados entre partes dos patógenos que infectavam os seres humanos. Estas regiões, reconhecidas pelo sistema imunológico, pareciam ser compartilhadas entre diferentes organismos patogênicos. A partir de então, comecei, juntamente com uma equipe de trabalho, a elaborar hipóteses. Coletamos, nos quase 20 anos de pesquisa, vários aspectos que confirmam a hipótese inicial, considerada inédita e controversa na época. Nossas descobertas parecem apontar para alguns caminhos bastante promissores e interessantes.

2. Seu estudo indica que existem características interessantes entre o covid-19 e antigas cepas de epidemias anteriores como o SARS (2003) e a MERS (2012). Por que elas são relevantes e de que forma podem auxiliar no combate à atual epidemia?

O passado sempre pode ensinar lições para o presente e, assim, nos permitir planejar o futuro. A pesquisa tem um aspecto interessante, que vai se transformando à medida em que os resultados vão surgindo. Inicialmente, achávamos que trataríamos dessas outras cepas. Depois fomos para outros caminhos, que incluíam outros membros dos coronavírus que poderiam, também, ser os

gatilhos, ou, ainda, dar proteção às pessoas. Estudos mais recentes têm mostrado que é possível que várias infecções do passado tenham alguma semelhança com as cepas atuais. Isso é particularmente interessante, porque, se você conhece outros alvos que já são estimuladores do sistema imune e eles são parecidos com aqueles do agente causador desta atual epidemia, podemos, então, escolher os alvos compartilhados entre o covid-19 e membros de outras cepas virais como os primeiros a serem tes-

tados na qualidade de potenciais alvos vacinais. As vacinas normalmente são feitas utilizando-se de organismos inteiros ou proteínas inteiras. Nossa abordagem é muito mais personalizada e customizada. O fato de outros grupos mundiais estarem também trabalhando nessa linha nos situa neste outro braço de pesquisa vacinal. Ele leva em conta aspectos

específicos dos vírus que tendem a ser menos mutáveis, atingindo, assim, uma maior parte das cepas virais ou regiões que não mutam e que são semelhantes a outras que protegeram pessoas em infecções prévias.

3. Segundo sua pesquisa, a genotipagem é fator determinante para a eficácia de uma possível vacina. Por que decifrar o código genético dos indivíduos acometidos pelo vírus é tão importante e que caminhos o procedimento aponta?

Cada indivíduo possui um conjunto de genes muito variáveis, chamados de genes do HLA, que são genes utilizados na compatibilidade dos transplantes. Esses genes estão envolvidos nas defesas contra microorganismos. Cada pessoa tem diferentes variações destes genes. Isto parece interferir de uma maneira a conferir resistência e suscetibilidade variável para cada tipo de doença. Uma mesma pessoa pode ser extremamente

O passado sempre pode ensinar lições para o presente e, assim, nos permitir planejar o futuro



resistente para um determinado tipo de influenza e ser suscetível ao covid-19 e, ainda, muito resistente ao sarampo, para ilustrar. Então, cada pessoa possui componentes genéticos que a suscetibiliza ou faz com que ela se torne resistente a diferentes infecções. Isso dá uma defesa populacional. De uma forma ou de outra, a população está sempre protegida. A genotipagem seria um caminho interessante porque se conseguirmos reconhecer, nos indivíduos, as variações genéticas que os favorecem ou - mais importante ainda - que os suscetibilizam a terem as formas mais graves da doença, teríamos como saber quais, dentre eles, deveriam receber mais atenção ao dar entrada em um hospital. Desta forma, podemos dar um direcionamento prognóstico mais

efetivo a esses pacientes.

4. Poucos meses depois dos primeiros casos na China, O RNA dos primeiros SARS-CoV-2, detectado na cidade de Wuhan, já apresentava sequências genéticas diferentes das encontradas em países como Itália, Alemanha e Brasil. A volatilidade genética do vírus pode impactar na sua pesquisa? Como?

Sim, é exatamente aqui que entra a importância de pesquisas desta natureza. Todos os anos novas vacinas são produzidas e as populações precisam ser novamente imunizadas devido, justamente, à tendência de mutação desses vírus. Como o coronavírus apresenta esse mesmo aspecto, a busca de abordagens vacinais por regiões menos variáveis que possibilitem uma resposta imunológica

É notório que desmatamento, manipulação de caça e outras práticas de degradação da natureza abrem caminhos para o surgimento de novos vírus emergentes

mais longa, seria desejável.

5. Em matéria ao jornal El País Brasil (08/04/20), a jornalista Eliane Brum afirma que a negação da realidade, por parte do governo brasileiro, produz outra realidade, que eleva consideravelmente o número de infecções e óbitos. Na sua opinião, como tem sido a resposta do Brasil para o enfrentamento desta crise?

Como este é um campo que não é muito a minha área, falarei, então, com o olhar de uma pessoa da área da saúde. Embora sejamos um país de dimensões continentais e com dificuldades no controle da circulação, o Brasil começou, bem cedo, um trabalho de distanciamento controlado e outras medidas de prevenção. Contudo, isso foi mudando gradualmente com as trocas de ministros. Na tentativa de compatibilizar as questões econômicas com as de saúde pública, começou, então, a ocorrer desvios. Entendo que, a partir daí, houve uma grande negação à importância que deveria ter sido dada a essa pandemia de altíssimo fator letal. Por outro lado, percebo que o federalismo no Brasil, em certos níveis, funcionou de maneira satisfatória. Vários estados e cidades mantiveram os protocolos mais rígidos, minimizando o impacto que poderia ter sido maior ainda.

6. Neste mesmo artigo, Eliane Brum afirma ainda que um dos efeitos mais imediatos da pandemia é a disputa pelo futuro. Como o senhor vislumbra a sociedade do pós-covid-19? Que memória teremos desta epidemia? Ou, ainda, que legado deixaremos às futuras gerações sobre esta terrível experiência?

Há, aqui, dois pontos importantes a se considerar. O primeiro fala da dimensão surreal de tudo isso.

Embora tenhamos assistido a situações semelhantes no cinema, ninguém poderia, de fato, imaginar uma sociedade paralisada por uma epidemia com essas proporções e por tanto tempo. Torna-se imperativo, então, pensarmos sobre aspectos diretamente interligados, como, por exemplo, questões ambientais. É notório que desmatamento, manipulação de caça e outras práticas de degradação da natureza abram caminhos para o surgimento de novos vírus emergentes, que podem causar outras pandemias em potencial. Precisamos, então, tomar atitudes imediatas para evitar que isso ocorra. Por outro lado, não consigo imaginar, tam-

pouco, uma sociedade paranoica na era pós-covid-19. Creio que, de uma maneira ou de outra, o cérebro leva os indivíduos ao esquecimento, infelizmente. Poderíamos extrair várias lições de tudo isso. No âmbito das políticas públicas e da ciência, creio que haverá uma maior atenção sobre estas questões, embora entenda que, a essa altura, não te-

mos ainda o controle que deveríamos. Na verdade, não sabemos quando, como e em que população isso irá surgir novamente. Embora o enorme fluxo de pessoas no mundo globalizado seja problemático, temos que encontrar meios de minimizar os potenciais novos gatilhos.

7. Previsões mais negativistas vislumbram um mundo socialmente mais controlado e predisposto a regimes mais totalitários a partir dessa experiência. Na sua opinião, que usos políticos a memória do covid-19 poderá produzir, no sentido mais positivo e no mais negativo?

Isso me lembra a história dos dois lobos. Haverá sempre o lobo que nos projeta para o bem em oposição ao outro, aquele que nos convida



para o mal. A questão sempre será, então, para qual deles decidiremos dar vazão. Todos os elementos do cotidiano social tendem a ser usados tanto para ações positivas quanto negativas. Tomemos o contexto dessa pesquisa como exemplo. O fato de propagarmos que pessoas podem ter imunidade prévia pode ser um alento, na medida em que essa informação nos leva a focar naqueles mais suscetíveis. No entanto, esse mesmo dado poderia, também, ser interpretado de uma maneira negativa, levando alguns a uma tendência ao relaxamento dos cuidados a partir da impressão de que estariam naturalmente imunizados. Quanto aos regimes de potencial totalitário, não entendo que eles teriam o interesse em utilizar politicamente essa experiência para manter as pessoas em suas casas, pelo contrário. Do ponto de vista econômico, a tendência é que eles as levem a se expor ainda mais. Não duvido, contudo, que isso possa ser utilizado politicamente de forma negativa, embora tenha a esperança de que os órgãos democráticos

façam a intermediação necessária, como, de certa maneira, vem acontecendo. No sentido mais positivo, creio que a experiência dessa pandemia surge para acender o sinal de alerta sobre a importância da ciência e do conhecimento. A pandemia levou a sociedade a perceber que o cientista-pesquisador não é mera bijuteria-de-estante e que ele tem um papel fundamental na proteção do indivíduo e na salvaguarda da sociedade como um todo.

AUTOR:

Luciano Lunkes - É formado em Regência Coral pela UFRGS com especialização em Regência Coral pela Academia Franz Lizst de Budapeste/Hungria. Tem formação em Gastronomia Francesa pelo The French Culinary Institute (NYC/EUA). É mestre e doutor em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE) e pós-doutorando do mesmo departamento.



resenha



Lucas da Rosa, Lucia Regina; Saraiva Pasca, Maria Alejandra; Grégis, Hilaine; Pereira Machado, Eduardo; Brückmann Saldanha, Vicente Henrique; Kipper, Fabricio. Contos de amor ou amizade (?) Tales of love or friendship? Canoas, Editora Unilasalle, 2020.

Os livros com produções textuais elaboradas por alunos dos Cursos de Letras, Português e Inglês e de Pedagogia, da Universidade La Salle, já se constituem em uma saudável tradição em nossa Universidade.

Trata-se em uma prática das mais instigantes, pois os alunos passam de leitores a escritores, apresentando à comunidade lassalista, às famílias e também às comunidades de Canoas e de nosso Estado, reflexões de jovens estudantes sobre temas que nos constituem como seres humanos como os deste ano: a Amizade e o Amor. Se essa temática já é da mais alta significação em tempos de "normalidade", ela se reveste neste ano de pandemia, de significado excepcional para todos nós, pois aponta para a condição de

resiliência tanto do corpo docente quanto discente, que dá, com esse trabalho, um notável exemplo de superação.

Muito significativo o título: *Contos de amor ou amizade (?)*, ficando a interrogação sutilmente entre parênteses, apontando para a dificuldade ou talvez a impossibilidade de distinguir um sentimento do outro, já que muitas vezes nossas emoções misturam e embaralham amor e amizade. Saber a resposta para essa questão se torna desimportante sobretudo neste ano pandêmico que tanto exigiu de todos nós.

Exercitar-se na produção de contos é um grande desafio já que essa forma breve é das mais exigentes, pois implica na qualidade da concisão, incluindo em poucas laudas os personagens, o tempo, o espa-

ço e o enredo, tendo que concluir de forma surpreendente. No conto cada palavra conta, cada vírgula e cada ponto está cheio de significado.

O conto, forma literária que exige concisão e brevidade, já foi praticado pelos mais eminentes escritores das mais variadas literaturas: de Flaubert e Poe a Machado de Assis, Monteiro Lobato, passando pelos "nossos" Cyro Martins, Erico Verissimo, Dyonélio Machado e Moacyr Scliar. São inesquecíveis os contos de João Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector, que foram mestres dessa forma enxuta que tanto agrada aos leitores e que muitas vezes é nossa porta de entrada, enquanto leitores, para a leitura da obra romanesca desses autores. Muitos escritores da Literatura Brasileira mais conhecidos

talvez como poetas, romancistas ou cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Ruben Braga, foram também mestres do conto.

Parabenizo a todos os envolvidos: estudantes, tradutores e ilustradores que, guiados pelos excelentes professores Lúcia Regina Lucas da Rosa, Maria Alejandra Saraiva Pasca, Hilaine Grégis, Eduardo Pereira Machado, Vicente Henrique Brückmann Saldanha e Fabricio Kipper deram conta desse desafio de escrever, traduzir do português ao inglês e ilustrar tão lindamente as páginas deste livro. Muito sucesso para essa brilhante iniciativa!

ZILÁ BERND - Professora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, Pesquisadora 1 A/CNPq.



Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
e da Disciplina de
Mobilidades Culturais
1º e 2º Semestres
· 2020 ·
Ano 10 · Nº 16

Narrativas de uma pandemia

ISSN 2358-1581

memória e linguagens
culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 